

# Preços do Otimismo

As conclusões de um estudo do Banco Mundial sobre a economia brasileira são extremamente favoráveis ao país a longo prazo. Mas contêm um preço implícito e claro: a austeridade.

Que previsões fez o Banco sobre a balança de pagamentos e o crescimento do produto interno bruto?

Primeiro: considerando-se como cenário provável uma taxa estável dos juros no mercado externo, uma inflação mundial entre 6,5 e 9%, e um preço de petróleo estável ou ligeiramente declinante, será possível uma taxa de crescimento no Produto Bruto Brasileiro de 3,5% no próximo ano e em torno de 5 a 5,5 nos anos seguintes.

Segundo: dando-se por definido uma continuidade no esforço exportador e um aumento nas vendas de manufaturados de 6 a 8% a partir de 1984, será possível — se as importações se reduzirem para a média de 17 a 19 bilhões de dólares — montar uma balança em conta corrente com déficits em valores declinantes ano a ano.

As estimativas do Banco Mundial que causaram mais impacto no Brasil, por aparentemente remarem contra a corrente, foram aquelas que falaram — ainda nos idos do Governo Médici — em

uma rápida superação das vendas de café pelas de manufaturadas. Os meios rurais não acreditaram e contestaram o que logo depois se transformaria em realidade. O Brasil demonstrou ter um parque industrial capaz de explorar os espaços vazios no mercado externo e de ser competitivo com as nações mais desenvolvidas em aço, sapatos, roupas, máquinas e outros produtos ou matérias-primas elaboradas ou semi-elaboradas.

É preciso, contudo, que não se considerem agora as previsões do Banco Mundial como um “habeas corpus” para o relaxamento, ou para pressões sobre o Ministério do Planejamento, no sentido de rever controles ou afrouxar os orçamentos das estatais.

Projeções favoráveis ao balanço de pagamentos somente serão possíveis se partirem de ingredientes de austeridade e severidade na contenção dos gastos supérfluos e da economia dos produtos escassos, como o petróleo. Taxas elevadas de inflação interna contribuirão também para inviabilizar qualquer política de câmbio mais conservadora, pois podem retirar o caráter competitivo do produto brasileiro no exterior.